

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal Class.: 48

Data 24/01/92 Pg.:

Quantas Amazôniaas há?

José Ribamar Felipe Marques

Para muitos pode parecer uma pergunta sem nexo, principalmente para os que conhecem a região somente através das revistas e jornais, contudo, tentaremos mostrar que há fundamento em fazê-la.

Para um californiano sem problemas materiais, após ler uma entrevista na revista "Time" sobre a grande disponibilidade e a possível liberação da caça aos jacarés, a Amazônia é algo como uma floresta pantanosa, cheia de sáurios, onde se pode viver alguns momentos de Indiana Jones, tendo de quebrar, para aumentar o suspense, cobras e escorpiões venenosos, tais e quais aos da tumba do faraó.

Para alguns artistas, roqueiros e semelhantes, é uma grande aldeia, apinhada de índios escutando "rocks", que necessita ser demarcada para ser implantada uma nação de silvícolas nabobos, sustentados a dólares, sem nada produzirem de concreto para o país, ainda que do seu subsolo permitam retirar minérios e/ou derrubar árvores das florestas que nunca preservaram.

Para a família real inglesa, é apenas mais uma floresta tropical, idêntica a tantas outras que os seus súditos devastaram pelos índios. Árvores e outras plagas do planeta. Ou, ainda, uma área distante, na rota das Malvinas, que tem um rio bem maior que Tâmi-sa, onde, um dia, o "Britannia" navegou e o príncipe herdeiro almoçou, tentando marcar presença na história ecológica do planeta.

Para o Helmut Kohl, é a típica "rainforest", bem maior que a "floresta negra" do "fantasma" e muito parecida com as em que o Johnny Weissmuller realizava as perícias do "Tarzan", onde, por um dia, ele deve ter esquecido o portão de "Brandeburg" e reviveu a sua mente infantil povoada de "chitas", "Janas" e "Dianas".

Para determinados grupos de pessoas, a Amazônia pode ser várias, dependendo da classificação que se lhe atribuem. É o caso dos ecólogos que, a exemplo do camaleão, possuem, também, o mimetismo de serem enquadrados em várias classificações. Para os ecólogos "xiitas" (ou radicais, será que são?) é um imenso depósito do nada, já que nada se pode tocar ou fazer. Melhor explicando: é um grande labo-

ratório para preservar-se o nada e justificar a falta de imaginação de nada fazer. Para os ecólogos não tão radicais, na linha "soft", a Amazônia é um ótimo lugar para se estudar como as Ciperáceas ou as Bromeliáceas poderão resolver o problema da fome do mundo: tirar fotografias exuberantes e/ou "chorar lágrimas de seiva" nos troncos carbonizados das castanheiras. Ou, ainda, para os ecólogos de fachada é um excelente lugar para declarações de "efeito", após noites bem dormidas em algum hotel estrelado da região, quem sabe após uma tartarugada regada a cervejas e whiskies importados. E, também, um ótimo lugar para filmagens fantásticas e fotografias sensacionais.

Para o dr. Bernardo Cabral, considerado pelos "experts" em paixões, o amazônica mais "sedutor", é uma região cheia de votos, que tem a particularidade de produzir essências afrodisíacas, mas péssima para acasalamentos ministeriais. Por isso é que trocou o bucolismo do encontro das águas pelos hotéis de São Paulo, New York e do feio Paris. Sem carapanãs, sem grilos.

Para muitos "empresários de boi gordo", é o paraíso dos incêntivos, onde uma população de pobres tolos paga para que os ricos engravatados enriqueçam ainda mais, sem aplicarem um centavo de volta. Ou é uma viçosa pastagem de Colômbia de poucos anos e de degradação, sabe lá de quantos; degradação da terra, do capim de tudo. Resumindo: é o laboratório que deu errado até porque não fizeram nada certo.

Para "muchos muchachos" colombianos, é o futuro maior reduto de coca do mundo.

Para os sulistas da Transamazônica ou de outras p(r)lagas amazônicas, é um inferno verde de mentiras escabrosas. De mosquitos, cobras, calor e doenças.

Para os Yanomamis é a terra de TupãCollor, "ancha", incrível, rica, inexplicável.

Para os afilhados do tio Sam, discípulos do Normal Schwarzkopf, é um vasto quintal que pode ser usado a

qualquer momento numa fantástica operação "tempestade na floresta", pouco provável de acontecer porque, talvez, estejamos mais para "vietcongs" do que para os "ratos do deserto" do Saddam Hussein.

Para uma grande "tropa" de religiosos, onde se destacam alguns "generais" paramentados, é um vasto campo de catequeses não tão divino, de subterfúgios religiosos e de incitações às invasões "aos campos do Senhor", ou melhor, é a terra para dar vazão aos sonhos aventureiros contidos em (in) certos votos celibatários.

Contudo, há, ainda, a Amazônia dos que nasceram e vivem nela e dela tiram o seu sustento, seja no extrativismo das matas ou dos rios; seja na agricultura itinerante que só se tornou um grande problema quando os outros homens precisaram de mais áreas para especular. É a Amazônia do curral grande, do Careiró, da distante Teffé, do Jacarecapá, dos campos do Marajó, do Pacoval, da "crocodiliana" Nhamundá ou do agonizante Muculambá; da bucólica Caraparú. É a Amazônia do ribeirinho ou varzeiro, um depósito de vida, onde em se plantando tudo dá; a Amazônia onde se criam os curigões de castanha-do-pará; onde se escolhem os peixes ou os peixes escolhem você. É o torrão amado onde os Tucuxis fazem a coreografia do final da tarde, quando o sol se esparrama colorido lá no fim do rio.

Para nós, professores, pesquisadores, técnicos de toda ordem, políticos, governadores, ministros, é a terra da vergonha-verde-vaga-vil-vegetal-vã-vergonha (plagiando o distinto filho do rio Surubiú, confluência com o Itacará); é a falta de tudo, inclusive de se saber qual dessas é a nossa verdadeira Amazônia; ou quantas dela há. E, qual delas restará!

Resta-nos agir e elaborar, efetivamente, um Plano de Utilização Sustentado para "nossa" verdadeira Amazônia, isto é, vamos decidir urgentemente o que fazer com ela, em nosso próprio proveito e das gerações que advirão. Para que não tenham dúvidas, no futuro, de quantas Amazôniaas há?

O autor é pesquisador da Embrapa - Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental.